PALAVRAS DE AGRADECIMENTOS (*)

Mimosa Mota Fernandes

Sejam de agradecimentos estas primeiras palavras a todos os que aqui se encontram abrilhantando e prestigiando com as suas presenças esta solenidade. Apraz-nos registrar, de modo especial, o acolhimento e a receptividade que tivemos por parte das entidades culturais do Ceará, através dos seus respectivos dirigentes: o Instituto do Ceará, pelo seu ex-presidente, Dr. Mozart Soriano Aderaldo, e pelo atual, Dr. Geraldo da Silva Nobre; A Academia Cearenses de Letras, pelo presidente, Dr. Cláudio Martins; a Universidade Federal do Ceará, pelo Magnífico Reitor Prof. Hélio Leite; a Associação Cearense de Imprensa pela presidente Dra. Ivonete Maia; a EBCT – pelo Diretor Regional, Dr. João Porto Walraven; o Banco do Nordeste pelo presidente Dr. Jorge Lins Freire.

Motivos de ordem essencialmente afetiva nos levaram, a nós, da família de Leonardo Mota, a escolher esta casa – o Instituto do Ceará – para a comemoração do Centenário, pois aqui, como membro efetivo da entidade, ocupante da cadeira nº 18, viveu o homenageado, na última etapa da vida, talvez os seus melhores dias. Ninguém mais do que ele diligenciava no sentido de que não se perdesse, dissipada na patina dos anos, a presença inolvidável dos vultos que fizeram a grandeza e preservaram, em todos os tempos, a sempre glorificada vitalidade intelectual do Ceará. Neste ambiente de fraternal companheirismo que tanta felicidade lhe deu, ele o "Embaixador do Sertão", o

(*) Discurso pronunciado, em nome da família de Leonardo Mota, por sua filha Mimosa Mota Fernandes, em sessão realizada no Auditório Pompeu Sobrinho na noite de 10 de maio de 1991.

"Rondon das Letras Matutas", o "Bandeirante do Brasil Caboclo", o "Príncipe da Poesia Sertaneja", desprezou de bom grado todos esses e os outros títulos com que o endeusaram os críticos literários do país, para ser somente aquilo que mais o envaidecia – o "Sineiro do Instituto".

Leonardo Mota foi membro da Academia Cearense de Letras, essa agremiação que tantos vultos eminentes tem congregado, nas diversas fases da sua longa existência. Em 1922, homenageado pela intelectualidade cearense, no Salão Juvenal Galeno, pela publicação do seu livro de estréia – "Cantadores", lançou, com êxito, a idéia de reorganização da Academia Cearense que deixara de ter existência efetiva, passando então a adotar a denominação que conserva até hoje.

A nossa gratidão à benemérita Universidade Federal do Ceará. Atenta à sua missão cultural, reeditou ela vários livros de Leonardo Mota e lançou a 1ª edição do "Adagiário Brasileiro".

Quanto à Associação Cearense de Imprensa, é também justa a sua homenagem a quem fez jornalismo a vida inteira, não só fundando, em verdes anos, a "Gazeta do Sertão", e exercendo, mais tarde, o posto de redator-chefe do "Correio do Ceará", como escrevendo infatigavelmente para jornais de Fortaleza e outras cidades do Brasil.

Vale ressaltar, ainda, o nosso reconhecimento à Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos e ao Banco do Nordeste. A primeira, sediada em Brasília, aprovou, por intermédio da Chefe do Departamento de Filatelia e Produtos, Dra. Laís Scuotto, a emissão de um selo comemorativo do centenário de Leonardo Mota, a ser lançado no dia 22 de agosto, simultaneamente em Santos (S. Paulo) e aqui em Fortaleza quando será festejado o Dia do Folclore Nacional. Associando-se ainda às comemorações deste 10 de maio e num gesto altamente significativo, a referida Empresa lançou hoje, nesta solenidade, um carimbo com a efígie de Leonardo Mota, a ser aposto durante sete dias em toda correspondência postada na Agência Filatélica do Estado do Ceará. A honrosa homenagem levará sem dúvida o nosso Leota por esses caminhos do mundo além das nossas fronteiras. Ao Banco do Nordeste na pessoa de seu presidente, Dr. Jorge Lins Freire, o nosso mais profundo reconhecimento pela reedição do livro póstumo do escritor – "Adagiário Brasileiro" – reedição esta feita inteiramente fora do comércio. Órgão devotado ao progresso da região, e entre cujos múltiplos encargos se inclui o interesse pelas atividades intelectuais e artísticas, presta o Banco do Nordeste expressiva homenagem a Leonardo Mota.

A todos o nosso muito obrigado.

E eis que aqui me encontro, falando em meu nome e no de meus irmãos, todos eles de uma ou de outra maneira, co-autores deste agradecimento.

Por razões de saúde, obviamente alheias à sua vontade, aqui não se encontram Moacir e Murilo. Consterna-nos também neste momento a ausência de Lourenço e Orlando, os dois que já se foram agora tão presentes. Sensibilizada, bem que eu poderia repetir, à maneira de Guimarães Rosa – "Eles não morreram – eles ficaram encantados"...

Para nós foi muito difícil imaginar a comemoração deste centenário sem a presença do Orlando, desaparecido há apenas 10 meses – Orlando, o grande impulsionador da obra de Leonardo Mota, "estudioso, dedicado, consciente e cioso do tesouro folclórico de que era legatário", desenvolvendo um trabalho pioneiro e engradecedor na reconstituição das fases mais importantes da vida de nosso Pai. Por justiça, ao nosso lado, ele ocupa hoje o centro desta solenidade, onde, enternecidos, reverenciamos também com gratidão e saudade a sua memória.

Leonardo Mota morreu, por assim dizer, de corpo inteiro, com a sua obra já aureolada pelos mais consagradores juízos da crítica nacional. Não foi perdido o sacrifício imenso do grande lutador do que é mais uma prova esta chama votiva que hoje acendemos sobre o seu túmulo. E dizer que nos deixou aos 56 anos apenas... Luiz Câmara Cascudo, viu-o impetuoso, a máscara risonha, irradiante de simpatia, irresistível de comunicabilidade, uma tora de aroeira ardendo ao sol do Ceará. É bom lembrar que as toras, quanto mais ardentes, mais cedo se extinguem.

Consenti num exercício de fantasia: se pudesse estar presente, como receberia ele esta solenidade? Decerto com gratidão, mas sem resistir à tentação dos comentários que desbarretam gravidades excessivas e nos põem num à-vontade desoprimido. É que possuía, inato, o dom que certo santo pedia a Deus como graça toda especial: o humor, para sua alegria e alegria dos outros. E com toda a razão – fazer rir pode ser dádiva de puro amor.

Leonardo Mota pertence ao rol dos beneméritos que se propuseram libertar-vos de velhos complexos coloniais, ajudando-nos a confiar em nossa viabilidade como nação. Nem romantismo, nem ufanismo, apenas a realidade de um povo ignorado e sofrido, mas resistente e capaz, também por sua vez com mais espírito que Voltaire.

Se o quisesse, teria podido dedicar-se ao seu folclorismo no conforto dos grandes centros, dando-se à erudição ao abrigo de empregos

bem remunerados. Mas a paixão não lhe consentia tamanho distanciamento do tema predileto. Como combinar o temperamento arrebatado com os vagares sonolentos de um cartório? Só fazendo violência à sua natureza andeja, nascida para o movimento e o espaço livre.

Viera ao mundo com aquilo que já foi considerado uma graça terrível; a vocação literária, que tantos tropeços pode acarretar às suas vítimas – vocação agravada com um amor irremediável à sua gente, ele mesmo um sertanejo dos Inhamuns... Que dizer do martirológio de um conferencista itinerante, que em mais de dez anos de peregrinação percorreu a maior parte do território nacional, pregando a sua mensagem de revelação e confiança?

Ah!... Ainda não havia rádio, a TV era ainda um sonho, tudo era isolamento e distância. Havia, sim, a moda das conferências literárias, exercitadas geralmente em temas fúteis. Foi este o instrumento de trabalho adotado pelo moço cearense, que ardia, em impaciências de apóstolo, por tornar conhecidos do Brasil os seus admiráveis personagens.

Não foi simples anotador de lápis e papel na mão, mas observador agudo dos seus heróis, os matutos de toda casta, que em total empatia procurou fixar na naturalidade das suas manifestações cotidianas. Optando pelo contato pessoal com as suas fontes, sempre se declarou, modestamente – mineiro, e não ourives. Por que desdenhar um em proveito do outro? Ambos são igualmente indispensáveis, só importando o valor e autenticidade da contribuição.

Com semelhante temperamento e semelhante gênero de vida, só por milagre teria escapado ao espírito de boemia reinante na época. Mas que boêmio singular! Aproveitava as madrugadas para o seu labor diário. Grafômano incorrigível, colaborador habitual da imprensa, deixou seis livros publicados e não poucos inéditos. O "Adagiário Brasileiro", sumido misteriosamente, foi reconstituído e publicado postumamente por seus filhos.

Mas o esforço tinha sido demasiado. Os que o viram nos anos 30, doente e precocemente envelhecido, mal podiam reconhecer nele o jovem vibrante de audácia e confiança, que na década anterior publicara os seus livros principais e com voracidade ambulatória cruzara e recruzara o país, justificando o epíteto de judeu errante do folclore nacional. E se mais terra houvera, lá chegara, desde que o reumatismo houvesse consentido...

Emotivo, grande sentimental, indissoluvelmente ligado aos seus, pagou pesado tributo às angústias e incertezas de uma vida de escritor pobre. Impossível falar dele sem uma referência àquela que foi o seu

grande amor e a sua grande inspiração, àquela que toda bondade e doçura, com seis filhos a cuidar, encontrou ignoradas energias em sua simplicidade cristã, tornando possível aquela odisséa de nova espécie. Por trás dos bastidores, obscura e humildemente distante de quaisquer honrarias e alheia às pompas e aos aplausos dos auditórios festivos, Luisinha Mota representou a vida toda, no fértil espírito criador do seu marido, o principal papel, o mais importante e por igual o menos conhecido, o mais apagado, porém sem dúvida alguma o mais fecundo. A sua dedicação anônima e heróica possibilitou, não sem muito sacrifício, a consagração literária de um homem cuja existência ela nutriu, sem desfalecimentos nem queixumes, antes com a sua doce compreensão de predestinada e um amor de todas as horas. O que foi a nossa vida a esse tempo está contado, com nostalgia e ternura, no livro do nosso irmão Murilo – "A Casa da Minha Mãe" – hoje lançado nesta festividade.

Os derradeiros anos de vida, passou-os Leonardo Mota em casa. Desponta, no momento, o historiador, o honesto e arguto pesquisador dos homens e dos fatos da nossa terra, consagrado à elaboração de uma "História Eclesiástica do Ceará" e à incumbência de dar continuidade à obra iniciada pelo Barão de Studart, – "Datas e Fatos da História do Ceará".

Agora é o Leonardo Mota homem comum, sem jornal, sem folclore, sem mesa de bar, o suave e puro Leota de dentro de casa, o esposo, o pai, o avô, recomeçando, rejuvenescendo entre a algazarra domingueira dos netos idolatrados. Voltara, revitalizando-o a fé da sua infância, cultivava a amizade dos seus queridos frades capuchinhos e assim morreu na paz de Deus, naquele turvo crepúsculo de 2 de janeiro de 1948, com a serenidade da missão cumprida. Este é o Leota que carregaremos conosco até o fim da vida, como um fardo bendito de estímulos poderosos.

O julgamento da posteridade é a instância definitiva de toda atividade humana. Que os entendidos se pronunciem sobre Leonardo Mota. Consenti, porém, que nós, continuadores do seu sangue, manifestemos a convicção de que a sua obra não desceu ao túmulo com ele, mas continua viva a gloriosa, como um testemunho de fidelidade à nossa terra e à nossa gente.

Fortaleza, 10 de maio de 1991

Mimosa Mota Fernandes